

4.10. INTENÇÕES DE USO NO FUTURO

Para finalizar este capítulo, serão analisadas as intenções das mulheres de usarem algum método anticoncepcional no futuro e, em caso afirmativo, qual seria o método preferido.

A tabela 4.13 apresenta os resultados sobre as intenções de uso de anticoncepcionais, segundo a condição quanto à exposição à concepção. Mais da metade das mulheres (58%), não-usuárias de métodos anticoncepcionais e independentemente da condição quanto à exposição à concepção, pensam em fazer uso de algum método. Mais de três-quartos das mulheres que estavam grávidas ou em amenorréia na época da pesquisa declararam que pretendem usar algum método: 65% nos próximos doze meses e 12%, no futuro.

É importante salientar que estas mulheres que estão grávidas ou em amenorréia pós-parto podem vir a ser usuárias potenciais de métodos anticoncepcionais, já que estão em constante contato com o sistema médico-hospitalar e despertaram o interesse em usá-los.

Do grupo de mulheres que estão expostas à concepção, menos de 60% pretendem usar algum método anticoncepcional, sendo que 30%, nos próximos doze meses, e 26% no futuro.

Mais de um-terço das mulheres atualmente casadas ou em união que estão intencionadas em usar algum método, responderam que optariam pela esterilização feminina. Entre os métodos reversíveis, a pílula é o que apresenta uma maior demanda. É interessante observar que para as injeções existe uma demanda maior que o atual uso deste método. Existe uma maior necessidade de uso imediato de métodos – 72% das mulheres que desejam usar algum método pretendem usar nos próximos doze meses (tabela 4.14).

5. Intenção de engravidar e planejamento da gravidez

5.1. INTRODUÇÃO

Este capítulo analisa a intenção atual de engravidar e o planejamento da gravidez das mulheres brasileiras em idade reprodutiva. Um dos objetivos do planejamento familiar é oferecer aos casais a possibilidade de decidir o número de filhos que terão e o espaçamento dos nascimentos. Torna-se de extremo interesse para os programas de planejamento familiar a obtenção de informações sobre o número de filhos desejados, o espaçamento esperado entre os nascimentos, a proporção de mulheres que não desejam mais engravidar e o planejamento da última gravidez, para se estabelecerem políticas e diretrizes.

Dados sobre a proporção de mulheres que não desejam mais filhos e daquelas que querem mais filhos, e o intervalo de tempo que pretendem esperar até a próxima gravidez, permitem que se faça uma estimativa do interesse em limitar e espaçar os nascimentos. A intenção de engravidar e o uso de anticoncepcionais podem ser combina-

dos para se estimar as necessidades não-satisfeitas em termos de planejamento familiar. Finalmente, dados sobre o tamanho ideal da família, bem como a proporção de nascimentos não-planejados ocorridos num passado recente, sugerem qual deveria ser o nível de fecundidade se todas as mulheres tivessem somente o número de filhos desejados. A diferença entre a fecundidade "desejada" e a fecundidade "atual" representa o espaço de atuação dos programas de planejamento familiar.

5.2. DESEJO DE LIMITAR OS NASCIMENTOS

Na seção do questionário sobre a intenção de engravidar foi perguntado, a todas as mulheres em união e que não tinham sido esterilizadas, se elas desejavam ou não ter outros filhos. Às mulheres que se encontravam grávidas na época da entrevista, foi perguntado se após a atual gravidez desejariam ou não ter mais filhos. A confirmação da resposta foi feita através de uma segunda questão.

Para as análises deste estudo, todas as mulheres que responderam que desejavam ter outro filho e todas as que responderam que estavam indecisas, porém, mais inclinadas a terem outra gravidez, foram classificadas na categoria que desejavam um outro filho. O mesmo procedimento foi aplicado para as mulheres que não desejavam ter mais filhos: inclui mulheres que responderam que não querem mais filhos e as que estão indecisas, porém mais inclinadas a não terem mais nenhum outro filho. Somente as mulheres que responderam com dúvida às duas perguntas é que foram classificadas na categoria de indecisas.

A tabela 5.1 mostra a distribuição percentual das mulheres atualmente em união, segundo o desejo de terem mais filhos, classificadas pelo número de filhos vivos (incluindo qualquer gravidez em curso). As mulheres esterilizadas aparecem em uma categoria especial. Embora a pergunta sobre o desejo de ter mais filhos não haver sido colocada para as mulheres esterilizadas, é razoável assumir que a maioria das mulheres esterilizadas não querem mais filhos.

Sessenta e quatro por cento das mulheres em união não querem ter mais filhos, ou já foram esterilizadas. Como é de se esperar, a porcentagem de mulheres que não querem mais filhos aumenta com o tamanho da família. Esta porcentagem é de menos de 12% para as mulheres sem filhos, 24% para aquelas com um filho, mais de 67% para as mulheres com dois filhos e 85% para aquelas com três filhos. As respostas das mulheres sem nenhum filho ou com um devem ser analisadas com cautela. É possível, nesses casos, que a resposta refira-se a um futuro imediato, e não seja uma preferência definitiva. Observa-se que existe uma porcentagem significativa de mulheres com dois ou três filhos que não querem mais nenhum filho. Este fato vem demonstrar uma mudança no tamanho médio da família brasileira que, num passado recente, era de quatro ou cinco filhos.

A proporção de mulheres no País que não desejam mais filhos é maior que 50% em todos os subgrupos apresentados na tabela 5.2. As proporções mais elevadas são registradas entre mulheres do Rio de Janeiro, do Nordeste, do Norte-Centro-Oeste e entre as mulheres com níveis mais baixos de instrução. Esta alta proporção no Rio de Janeiro justifica-se pela forte preferência por famílias pequenas nesta região, onde 83% das mulheres que têm dois filhos não desejam mais nenhum outro. No Nordeste e entre as mulheres com instrução mais baixa, uma grande proporção que não quer mais filhos é formada por mulheres com uma alta paridade e que desejam terminar o processo de

gravidez em curso, é apresentada na tabela 5.5. A distribuição das respostas para a amostra, na última coluna da tabela, mostra que muito poucas mulheres (aproximadamente 10%) querem menos de dois filhos e somente 20% querem mais de três. A resposta modal é de dois filhos, com uma frequência de 40%, sendo o número médio ideal de 2,8 filhos.

Para mulheres atualmente com dois ou três filhos, existe uma forte correlação entre o número atual de filhos e o número ideal. Este resultado é consistente com os dados discutidos anteriormente neste capítulo, de que a maioria das mulheres não desejam outro filho depois de terem dois ou três. A correlação entre o número de filhos desejados e o número atual diminui entre mulheres com mais de três filhos. Metade das mulheres que têm quatro filhos, dois-terços das que têm cinco e três-quartos das que têm seis ou mais filhos, declararam que queriam ter menos filhos.

A tabela 5.6 apresenta o número médio ideal de filhos, de acordo com a idade atual da mulher, por região, local de residência e grau de instrução. O número médio ideal de filhos é maior para as mulheres com mais idade. Enquanto as mais velhas expressam um número ideal de filhos que situa-se entre três e quatro filhos, para as mais jovens o número ideal é de dois e três filhos. Quanto ao local de residência, região e instrução da mulher, existe pouca variação no número ideal de filhos. Com exceção do Rio de Janeiro, onde o número médio ideal é mais baixo, nas demais regiões este número é três ou ligeiramente inferior. Já as mulheres das áreas rurais e aquelas com menos instrução expressaram uma preferência, em média, ligeiramente superior a três filhos.

É conveniente tomar como referência as respostas dadas por mulheres pertencentes ao grupo etário de 20-24 anos, já que suas respostas têm uma menor possibilidade de serem influenciadas pela racionalização da fecundidade passada. Comparando este grupo de idade segundo as diversas características observa-se que a variação em relação ao número ideal de filhos é muito pequena. Um resultado particularmente interessante é observado no Rio de Janeiro, onde o número médio ideal de filhos é 2,1. Para se obter este número médio de 2,1 filhos, um grande número de mulheres expressaram a preferência por apenas um filho. A preferência por um tamanho ideal de família, constituída de 2 ou 3 filhos nas diversas categorias apresentadas, é um fator que certamente contribuiu para o grande declínio da fecundidade ocorrida nos últimos tempos, e sugere que os níveis podem ainda continuar caindo nas áreas em que as taxas de fecundidade são superiores a três filhos por mulher.

5.6. PLANEJAMENTO DA ÚLTIMA GRAVIDEZ

Nesta seção, complementamos a análise da preferência das mulheres quanto ao número e ao espaçamento dos filhos, utilizando dados sobre o planejamento dos nascimentos em um passado recente. Na PNSMIPF foram colocadas duas séries de questões sobre o planejamento dos nascimentos mais recentes. A primeira série segue o formato utilizado nas pesquisas anteriores da BEMFAM. Esta série de questões refere-se à última gravidez da entrevistada, incluindo também gravidez em curso, independentemente da época em que esta tenha ocorrido. Questiona, ainda, se, na última vez em que a mulher engravidou, ela desejou esta gravidez. Em caso de resposta negativa, a mulher era indagada se não desejava mais engravidar ou se somente gostaria de ter esperado mais tempo antes de ter outro (ou o primeiro) filho.

A segunda série de questões foi a originalmente proposta pelo questionário-modelo utilizado nas Pesquisas Demográficas e de Saúde (DHS). Foram feitas perguntas sobre todos os nascimentos ocorridos a partir de 1º de janeiro de 1981, bem como sobre a gravidez em curso. Não se coletou nenhuma informação sobre gravidezes passadas que não terminaram com o nascimento de um filho vivo, além daquelas em curso. Essas perguntas indagavam sobre uma época anterior à gravidez: “— Antes de ficar grávidas de (nome da criança em questão), a senhora queria ter mais filhos ou não?”. Caso a resposta fosse afirmativa, perguntava-se: “— A senhora desejava mais outro filho nesta época ou queria esperar mais tempo?”. Essas perguntas foram inseridas em um quadro contendo questões sobre o uso de anticoncepcionais no intervalo entre nascimentos e o planejamento familiar do nascimento referido.

Essas duas séries de questões apresentaram estimativas diferentes sobre os nascimentos não-planejados e os não-previstos, sendo que a estimativa de nascimentos não-planejados obtida com a primeira série de questões, foi consideravelmente inferior. Essa diferença pode ter ocorrido, dada a forma diversa como foram redigidas as perguntas: por um fluxo e uma localização diferentes no questionário. Análises futuras poderão comparar as respostas das duas séries de questões sobre o planejamento da gravidez com outros dados da entrevistada, visando identificar as estimativas mais confiáveis sobre os nascimentos não-previstos e os não-desejados. Neste estudo, as análises foram baseadas nos valores obtidos da primeira série de questões (sobre a última gravidez). Essa escolha é justificada pelo fato de que entre as duas estimativas esta apresenta valores mais consistentes com as proporções de mulheres em que o número ideal de filhos é menor que o número atual e, além disto, estes valores são mais baixos. Optou-se por apresentar uma estimativa mais cautelosa dos nascimentos não-planejados, ao invés de se correr o risco de sobrestimá-los. Além disto, os resultados podem ser comparados com as pesquisas anteriores feitas pela BEMFAM.

A tabela 5.7 mostra o planejamento do último filho nascido vivo para os nascimentos ocorridos nos últimos 12 meses precedentes à pesquisa, de acordo com a paridade. O período é restrito aos nascimentos dos últimos 12 meses para apreender-se a experiência mais recente. Os resultados mostram que um pouco mais da metade dos nascimentos ocorridos no ano anterior à pesquisa, foram desejados, um-quarto deles foram desejados mas não-previstos e 20%, não-desejados.

Examinando-se o planejamento da última gravidez, segundo a paridade da mulher, observa-se que a maioria dos primeiros e segundos nascimentos e a metade dos terceiros nascimentos foram desejados na época em que ocorreram. No entanto, somente pouco mais de um-terço dos nascimentos do quarto filho em diante foram desejados na época. A proporção de nascimentos não-desejados aumenta rapidamente com a paridade da mulher. Enquanto somente 3% dos primeiros nascimentos não foram realmente desejados, 11%, 21% e 43% dos segundos, terceiros e quartos ou mais nascimentos, respectivamente, não foram desejados.

A proporção de nascimentos não-desejados varia também segundo as características das mulheres (ver tabela 5.8). Verifica-se uma maior proporção destes nascimentos não-desejados ocorrendo nas áreas rurais, no Nordeste e entre mulheres com nível de instrução mais baixo. Este fato não é surpreendente, na medida em que as mulheres das áreas rurais, do Nordeste e com menos instrução expressaram um tamanho ideal de família similares aos valores obtidos para o País como um todo, tendo, no entanto, uma prevalência de uso de anticoncepcionais bastante inferior.

Finalmente, se assumirmos que a proporção de nascimentos não-desejados foi constante no período de 1983-1986, podemos obter a taxa de fecundidade total não-desejada, que, subtraída da taxa de fecundidade total (TFT), nos daria a taxa de fecundidade total na qual todos os nascimentos não-desejados foram evitados. No total, esta taxa teria uma redução de 20% e a TFT seria equivalente a 2,8 filhos por mulher. Hipoteticamente, no Nordeste a TFT desejada seria de 3,8 filhos, comparada com a atual TFT de 5,2. Nas áreas rurais esta taxa seria de 3,7 filhos, comparada com a atual TFT de 5,0. Embora estas taxas sejam hipotéticas, elas podem ser uma útil ilustração do impacto que a difusão do planejamento familiar pode ter no Brasil.

6. Prática e demanda de serviços de esterilização

Como foi visto anteriormente, a esterilização feminina é o método mais usado no Brasil: 27% das mulheres casadas ou em união e em idade fértil recorreram à anticoncepção cirúrgica como uma maneira de controlar a natalidade. A esterilização é mais praticada nas áreas urbanas do País e aumenta com a idade da mulher, chegando a 42% a sua prevalência entre mulheres de 35 a 39 anos de idade. Neste capítulo estão alguns dados adicionais sobre a esterilização, incluindo algumas características da mulher na época em que foi feita a cirurgia (idade, número de filhos, duração do casamento etc.). Para as mulheres que declararam que não querem mais filhos, serão vistas as razões do desinteresse pelo método cirúrgico, e, também, para aquelas que não querem mais filhos, mas que estão interessadas na esterilização e sabem onde obter o método, serão discutidas as razões por não terem ainda se submetido à cirurgia.

A tabela 6.1 apresenta o perfil demográfico das mulheres atualmente de 15-44 anos de idade e esterilizadas. Em aproximadamente dois-terços delas (65%) a esterilização foi feita nos últimos cinco anos anteriores à pesquisa. Na Região Nordeste, esta porcentagem chega a 76%. A idade mediana das mulheres na época da esterilização é de 31,4 anos, variando de 28,1 na Região Norte-Centro-Oeste a 32,4 na Região Sul. Em relação ao número de filhos quando fizeram a cirurgia, 27% das mulheres tinham dois ou menos filhos, 33% tinham três filhos e 40% tinham quatro ou mais filhos. Na Região Nordeste, 56% das mulheres tinham quatro ou mais filhos quando se submeteram à esterilização. Em relação à duração do casamento, um-terço das esterilizações ocorreram no período em que as mulheres tinham de 5 a 9 anos de casadas, e 29% ocorreram no período de 10 a 14 anos de casadas.

Do total de 27% de mulheres que foram esterilizadas no País, 72% foram operadas durante o parto do último filho, sendo que em 64% das mulheres a cirurgia foi feita juntamente com uma cesariana e 8% enquanto estavam internadas, após o parto vaginal. Apenas 28% das esterilizações foram de intervalo, ou seja, desvinculadas do parto (tabela 6.2).

Na tabela 6.3 está a porcentagem de mulheres férteis (*), atualmente casadas ou em união, que não querem mais filhos. Esta tabela é similar à 5.2, descrita anterior-

(*) Mulheres férteis são aquelas não-esterilizadas, que tiveram um nascimento ou fizeram uso da anticoncepção nos últimos 5 anos e menstruaram nas 6 semanas anteriores à entrevista.